

O meteorologista

Olivier Rolin

Da minha língua vê-se o mar.
Vergílio Ferreira

SEXTANTE EDITORA
FICÇÃO



À Masha

Eu pensava, lia
Na Bíblia dos ventos.

Serguei Essenine, *O homem negro*



Capítulo 1

A sua ocupação eram as nuvens. As longas penas de gelo dos cirros, as torres fluorescentes dos cumulonimbos, os trapos esfarrapados dos estratos, os estratocúmulos que encarquilham o céu como as pequenas ondas da maré a areia da praia, os alto-estratos que se tornam véus do Sol, todas as grandes formas que andam à deriva orladas de luz, os gigantes de algodão donde caem chuva e neve e trovoadas. Não era um cabeça no ar, contudo – pelo menos, não creio. Nada do que sei dele o designa como um fantasista. Representava a URSS na Comissão Internacional Sobre as Nuvens, participava em congressos pansoviéticos sobre a formação dos nevoeiros, criara em 1930 o Gabinete do Tempo, mas estas denominações poéticas não o faziam sonhar, levava tudo isto a sério, como um cientista que desempenha o seu ofício de cientista ao serviço, claro, da construção do socialismo, não era um professor Nimbus. As nuvens negras não eram pretexto para devaneio, não se encontrava nele nada de vaporoso, desconfio até que seria pessoa de uma certa rigidez. Depois de se tornar em 1929 o primeiro diretor do Serviço Hidrometeorológico da URSS, dedicara-se à elaboração de um cadastro das águas, um cadastro dos ventos e outro do Sol. O mais provável é que não visse nisso nada de pitoresco, não havia nenhum convite para o imaginário naqueles projetos de cartografar o inapreensível, era o concreto que lhe interessava, realidades mensuráveis, os encontros das grandes massas de ar, a estiagem dos rios, a obstrução e o degelo das

águas, a evolução das chuvas, a influência desses fenômenos na agricultura e na vida dos cidadãos soviéticos. O socialismo também se edificava no céu.

Nasceu em 1881 em Krapivno, uma aldeia da Ucrânia...

Capítulo 2

Mas antes de começar a contar a vida e a morte deste homem que se destinava à pacata observação da Natureza e que o furor da História quebrará, direi algumas palavras sobre as circunstâncias em que cruzei o seu caminho, muito tempo após o seu desaparecimento (veremos que esta palavra, no caso dele, faz todo o sentido). As histórias não caem do céu nem das nuvens, não me parece mal que apresentem as credenciais. Em 2010, eu fora convidado para falar na universidade de Arkhangelsk. Fora recebido com aquela amizade que caracteriza, juntamente com muita indiferença e até brutalidade, a vida russa. Tinham desenrolado uma faixa de boas-vindas e desencantado fotografias de uma viagem anterior (tenho ali os meus hábitos) que tinham como único inconveniente mostrar o tempo que tinha passado, mas era, apesar de tudo, simpático. Tinham-me recebido, talvez não como um presidente, mas, digamos, como um ministro. Gosto de Arkhangelsk por causa do seu nome de cidade do Arcanjo, por causa do largo estuário que a ladeia, que se atravessa no inverno por um caminho de tábuas pousadas sobre o gelo e que está engrinaldado, à noite, com luzes pálidas, provenientes das casas de madeira que ainda se viam em grande número nas minhas primeiras visitas (poucas, desde então, resistiram aos especuladores imobiliários), e porque acho que as raparigas da terra são particularmente bonitas (tenho na memória patinadoras em linha, de pernas nuas e bronzeadas a deslizar com o cabelo ao vento, acompanhadas

por libelinhas, no molhe ao longo do Duína, durante o mês de maio: são as minhas proustianas raparigas de bicicleta...). Tenho ideia de que Cendrars fala nalgum lado dos sinos de ouro (ou dos campanários de ouro?) de Arkhangelsk, mas não encontrei a referência em lado nenhum. Não importa, os escritores não são somente o que escreveram, mas também o que julgamos que escreveram.

Apanhara de seguida o pequeno avião (um Antonov 24, para ser exato) que, duas vezes por semana, liga Arkhangelsk às ilhas Solovki, um arquipélago situado no meio do mar Branco. Quando o mar está gelado, o que acontece seis meses por ano, não existe outra forma de lá ir. O meu vizinho no avião era um jovem pope que se parecia com Georges Pérec (não tenho a certeza de que esta comparação tivesse agradado a Pérec, nem ao pope, se soubesse quem era Pérec: mas o facto é que se parecia com ele). O santo homem trazia um *e-book* que era na altura, a meu ver, o cúmulo de uma modernidade que eu ainda não tinha alcançado e que achava incongruente num religioso, e russo, para mais. O objeto *high-tech* estava inserido numa pasta de pele enfeitada com um ícone da Virgem, que ele ia beijando com ardor. Eu tentava discretamente espreitar o que ele estava a ler no ecrã, esperando que fosse um romance erótico, mas tenho de admitir que não era o caso.

Era a beleza do local, que descobrira em fotografias, que me motivara a fazer essa viagem. E, de facto, mal saí do pequeno terminal constituído por tábuas pinceladas de azul, ao descobrir as muralhas, as torres atarracadas e os campanários (de ouro...) do mosteiro-fortaleza deitado num istmo entre uma baía e um lago agasalhados pela neve, percebi que tivera razão em vir. A mesma beleza que o Monte Saint-Michel, exceto que era tudo ao contrário: um monumento monástico e militar, e carcerário, no meio do mar – mas que se estendia na horizontal, enquanto o monte se ergue na vertical. E, aqui, nada

de multidões, nada de bugiganga turística. Percorri durante alguns dias os caminhos da ilha, no meio de uma paisagem branca e negra composta por lagos gelados e florestas de coníferas que o poente ensanguentava vagarosamente. Albergara-me num hotel minúsculo chamado Priut, «O Refúgio». Katia, a patroa, era uma pessoa encantadora, extremamente risonha (o que, tenho de o admitir apesar da russofilia que certos amigos tendem a criticar em mim, não é assim tão frequente por aquelas bandas), gira (parece-me que conviria a respeito dela o epíteto um pouco em desuso de «anafada»), e tão amável que chegou a afirmar que eu me exprimia muito bem na língua dela. Do meu quarto, eu via ao entardecer as muralhas e os bolbos escamosos resplandecer sobre o gelo. Não duvidava que as primeiras sementes de um livro se estavam a depositar em mim – mas é sempre assim, a coisa faz-se discretamente.

O mosteiro, fundado no século quinze por santos eremitas, era dos mais antigos da Rússia. Cada época tem o seu génio, e a partir de 1923 abrigara (se é que a palavra é apropriada...) o primeiro campo daquilo que se iria tornar a Direção Central dos Campos, *Glavnoye Upravleniye Laguerey*, tristemente famosa pelo seu acrónimo: GULAG. Pus-me a ler, no meu regresso, todos os livros que encontrei sobre essa história. Foi assim que vim a saber que existira no campo uma biblioteca com trinta mil volumes, composta direta ou indiretamente pelos livros dos deportados, entre os quais muitos eram nobres ou intelectuais – aristocratas destituídos ou *bitchs*, que não eram putas inglesas mas *byvchi inteliguentny tcheloviek*, ex-intelectuais, na língua da polícia política. Pouco a pouco nasceu a ideia de fazer um filme, e foi para as *repérages* que voltei às Solovki, em abril de 2012.

Antonina Sotchina, uma das memórias da ilha, ali me recebeu. Era uma senhora de idade, encantadora, com o cabelo louro arruivado, olhos azuis, que trazia vestidas umas calças

de ganga e uma camisola de gola alta. A sua casa estava cheia de livros e de plantas, fazia doces maravilhosos com aquelas bagas que todos os russos adoram, mirtilos, murtinhos, arandos e outra cujo nome em francês desconheço, se é que tem um, uma espécie de framboesa alaranjada chamada *marochka* que cresce nas zonas pantanosas, e tão boa que Pushkin, reza a lenda, pediu algumas no seu leito de morte (as bagas e os cogumelos são uma das bases da alimentação e até do imaginário russos; o nome genérico para designar as bagas, *iagoda*, é também, curiosamente, o apelido do dirigente da polícia política, GPU e depois NKVD, de 1934 a 1936: Guenrikh Iagoda, que desempenhará o seu papel no seguimento desta história). Entre os livros que me mostrava Antonina, havia, atrás de uma capa onde se viam nuvens, um álbum fora do mercado, editado pela filha de um deportado em memória de seu pai. Alexei Feodossievitch Vangengheim, o meteorologista, fora deportado para as Solovki em 1934. Metade do álbum era constituída pelas reproduções das cartas que ele enviava do campo à sua filha, Eleonora, que nem quatro anos tinha na altura da sua prisão. Havia herbários, desenhos feitos com traço firme, ingénuo e claro, coloridos com lápis ou aguarela. Via-se uma aurora boreal, gelo marinho, uma raposa preta, uma galinha, uma melancia, um samovar, um avião, barcos, um gato, uma mosca, uma vela, pássaros... Os herbários e os desenhos eram bonitos, mas o seu destino não se limitava a agradar ao olhar, tinham um objetivo educativo. Através das plantas, o pai ensinava à filha os rudimentos da aritmética e da geometria. Os lóbulos de uma folha figuravam os números elementares, a sua forma, a simetria e a dissimetria, uma pinha ilustrava a espiral. Os desenhos eram respostas a adivinhas.

Esta conversa à distância entre um pai e a sua filha muito pequena, que ele nunca voltaria a ver, a vontade de dar de longe o seu contributo para a educação dela, comoveram-me.

Também me comoveu o amor que a filha nunca deixou de sentir em relação a esse pai que mal conhecera, e que testemunhava o livro memorial que eu percorria em casa de Antonina. Era, dizia ela, um pianista magnífico, lembrava-se de o ter ouvido tocar a *Appassionata*, a *Sonata ao luar*, alguns *Impromptus* de Schubert. Ele gostava de Pushkin e Lermontov. Até 1956, ano da sua reabilitação *post mortem*, dizia ela, a minha mãe aguardou pelo seu regresso. Quando me portava mal, dizia ela ainda, a minha mãe dizia que eu iria ficar com vergonha quando o meu pai regressasse, e julgar-me a mim própria através dos olhos dele tornou-se a minha regra de vida. A ideia de escrever a história desse homem, uma vítima entre milhões de outras da loucura estalinista, começou a formar-se na minha cabeça. O encontro em Moscovo, mais tarde, com pessoas que tinham conhecido Eleonora na outra ponta da sua vida, acabou de me convencer. Ela tornara-se numa paleontóloga famosa. Não pude conhecê-la: morrera pouco tempo antes, nas circunstâncias que irei contar. Lamento que ela não tenha vivido o suficiente para saber que o álbum que tinha consagrado à memória do seu pai tivera como consequência imprevisível suscitar outro livro, longe, noutro país, noutra língua.

Capítulo 3

Nasceu, portanto, em 1881, em Krapivno, uma aldeia da Ucrânia cujo nome significa «lugar onde crescem urtigas». Há muitas urtigas e por conseguinte muitas Krapivno na Rússia do Sul e na Ucrânia (este nome aparece logo na terceira linha de *Cavalaria vermelha* de Babel), a dele encontra-se nas imediações de Nejin (Nijyn em ucraniano), cujo liceu se orgulha de ter tido Gogol entre os seus alunos. O seu pai, Feodossy Petrovitch Vangengheim, era um *barin*, um membro da pequena nobreza, deputado no *zemstvo*, a assembleia regional outorgada por Alexandre II. O nome pouco russo da família é sinal de uma longínqua origem holandesa, talvez carpinteiros da marinha que vieram para construir a frota de Pedro *O Grande* e que foram de seguida recompensados com a concessão de terras na Ucrânia. Num retrato fotográfico, Feodossy Petrovitch mostra um rosto afável e até ligeiramente, ou possivelmente, travesso, enquadrado por ondas de cabelo cinzento e um colar de barba emaranhado. Imagino-o como uma personagem de Tchékhov, idealista, palrador, repleto de ideias confusas sobre o progresso social, mulhengo, jogador de cartas, fraco. Ele tinha a mania da agronomia e cultivava um campo experimental na povoação de Uyutnoy, junto à via-férrea que vem de Moscovo e Kiev e vai para Vornonej. Durante os serões de verão, em Uyutnoy, depois de ter passeado entre as groselheiras e as framboeseiras, de ter contemplado o sol enrubescer as pontas dos centeios na companhia de senhoras com pálidos vestidos roçagantes,

conversa-se sob a varanda, entre charuto e conhaque, com o médico e o juiz de instrução, fala-se da educação do povo, critica-se o autoritarismo do czar. Uma das filhas, sentada ao piano, toca uma pequena peça de Schubert, ou talvez Chopin. Mera suposição. Quanto a filhas, isto no entanto sabemos-lo, teve quatro da sua mulher Maria Kuvchinikova, e três rapazes, entre os quais Alexei, o amigo das nuvens. Não era de modo algum reacionário, verdade seja dita, pois a seguir à Revolução recusou acompanhar na emigração um dos filhos, Nikolai, e tornou-se conselheiro do Comissariado do Povo Para a Terra. E deixou todos os filhos – inclusive as raparigas! – seguir estudos científicos.

Agrada-me pensar que Alexei Feodossievitch sentiu nascer dentro de si uma curiosidade pelos meteoros ao ver passar as nuvens por cima da planície infinita. Pintores e escritores descreveram inúmeras vezes essa paisagem do campo russo ou ucraniano. Profundidade vertiginosa do espaço, vastidão em que tudo parece imóvel, silêncio apenas perturbado por gritos de pássaros, codornizes, cucos, poupas, corvos. Campos de trigo ou de centeio, terrenos de ervas azuis cravejadas de flores amarelas de absinto, por entre os quais se lança um caminho sulcado. Pequenos bosques de bétulas e de choupos delicados, os bolbos dourados de uma igreja a luzir ao longe, os telhados de uma aldeia, por vezes o brilho delgado de um rio: é a paisagem de «A estepe» (cuja história se desenrola nesses confins ucrano-russos), de «Na terra natal», de muitas novelas de Tchékhov, escritas naqueles anos, a paisagem da poesia de Essenine, dos quadros de Shishkin ou de Levitan. Por vezes, ao fundo de uma distância imensa, a chaminé de uma locomotiva lembra que, no meio desse tempo aparentemente parado, algo de novo está a acontecer, que talvez seja o progresso e que talvez seja também uma ameaça. E dominando aquilo tudo, num céu exaltado pela plana vastidão da terra, as nuvens «irregulares e maravilhosas» que contempla

sonhadoramente o jovem narrador de *A vida de Arseniev* de Ivan Bunin, as nuvens ameaçadoras que o paisagista Savrasov pintou em 1881, ano do nascimento de Alexei Feodossievitch, ornamentam com largas sombras os campos luminosos.

Estas paisagens devoradas pelo vazio também se veem em algumas fotografias a cores que tira, no início do século vinte, outro nobre fanático de ciência e técnica, Serguei Prokudin-Gorsky, que percorre o Império, das florestas da Carélia à Ásia Central, com o objetivo de formar um arquivo de imagens – três mil e quinhentas chapas, entre as quais pouco menos de duas mil foram salvas. Esse fotógrafo-inventor, de que um autorretrato à beira de um rio da Geórgia nos mostra o longo rosto triste coberto por um chapéu mole e atravessado por grandes óculos redondos e bigodes descaídos, testemunha, como Tchékhev, como o seu amigo Isaac Levitan, como Bunin, como, no nível deles, os Vangengheim pai e filho, um tempo em que a história russa parece poder tomar outro rumo, mais pacato, mais esclarecido do que aquele, negro, terrível, que está por vir. Nas suas chapas, não é somente a verdade milagrosa das cores que salta à vista mas aquela impressão, quando se olha para elas, de ser literalmente aspirado pela linha onde se encontram o céu e a terra. O que está ali por trás? Nada, o limite do mundo talvez, ou então a infinita repetição das mesmas coisas. Bosques, campos, estepes, caminhos, voos de corvos, campanários minúsculos por baixo das nuvens. A Rússia é uma floresta, *liès*, e a Rússia é uma planície, *polié*. E a Rússia é espaço, *prostor*. Não disponho de muita informação certa ou significativa sobre a juventude da minha personagem, mas tenho a certeza de que o espaço desempenha um papel importante nos seus anos de formação.

Gostaria de imaginar, portanto, que Alexei Feodossievitch pensou um dia, deitado na relva como o Arseniev de Bunin: «Que beleza estonteante! Subir nessa nuvem e levantar voo,

vogar por essas alturas assustadoras, pela imensidão dos ares...» Aliás, talvez tenha pensado isto. Mas creio que a verdade é, apesar de tudo, mais simples, mais prosaica: foi o seu pai que lhe comunicou a sua vocação. Pois, manifestando decididamente um espírito curioso, Feodossy Petrovitch também se experimentava na meteorologia e instalara nas suas terras uma pequena estação de observação. Foi em família que Alexei se iniciou no conhecimento da terra e do céu, ao participar com o pai em congressos de agrónomos regionais, ao estudar a anomalia magnética da região de Kursk, ao propor um novo método de cálculo do número de plantios por metro quadrado (e aqui estamos mais em *Bouvard e Pécuchet* do que em Tchékhev), ao analisar as curvas que os pequenos ponteiros dos gravadores traçavam, em Uytnoy, sobre rolos de papel milimétrico, pluviometria, higrometria, pressão barométrica, força e direção do vento. Ele acabara os estudos secundários no liceu de Oriol, muito bom ou excelente em todas as matérias, Grego, Latim, Matemática, Catecismo, Francês, curiosamente só em Geografia é que era apenas «satisfatório». No virar do século, entrara no Departamento de Matemática da Faculdade de Física e Matemática da Universidade de Moscovo, de que foi quase imediatamente expulso por ter participado em tumultos estudantis em 1901. Na Rússia, as coisas não se fazem pela metade, nomeadamente os tumultos, e o ministro da Instrução Pública fora assassinado por um estudante SR (socialista revolucionário). Alexei não chegava de modo algum a esses excessos, ao reitor que o interrogava ele declarava ser, em teoria, contra a violência mas, bom, tinha participado em assembleias, votos, tinha de o reconhecer, e fora expulso.

Depois veio o serviço militar e o Instituto Politécnico de Kiev e o diploma (de primeira categoria!) sobre a velocidade dos ciclones, a seguir o Instituto Agrícola de Moscovo, ainda não escolheu entre a terra e o céu e escreve artigos que comparam os respetivos méritos dos adubos naturais e minerais

nas defumações, estamos outra vez em *Bouvard e Pécuchet*, depois ensina Matemática às raparigas do liceu de Dmitriev, uma importante povoação a norte de Kursk, passemos rapidamente, não se trata de fazer o seu currículo, mas contudo, em Dmitriev, faz algo importante, em 1906: casa com a professora de História e Geografia, Iulia Bolotova. Desse casamento terá uma filha, que se tornará uma psiquiatra famosa. A seguir a isto, o Serviço Hidrometeorológico do mar Cáspio, em Petrovsk, hoje Mahackala (interessa-se pelas variações de nível desse mar fechado, problema que intrigara Alexandre Dumas aquando da sua viagem ao Cáucaso, ao ponto de lhe fazer imaginar a hipótese estapafúrdia de uma espécie de válvula abrindo e fechando canalizações naturais entre o Cáspio e o golfo Pérsico). Depois vem a guerra, é mobilizado como chefe do Serviço Meteorológico do VIII Exército, frente aos austríacos na Galícia. Prever donde vem o vento, ou se vai chover, é importante para os ataques com gás, e era assim que se fazia a guerra naquele tempo, a leste como a oeste. A seguir, é a Revolução, volta para Dmitriev, as frentes da guerra civil vão e vêm, não está do lado dos Brancos como o seu irmão Nikolai, esses tomam a cidade, ele esconde-se em casa de um camponês, os Vermelhos voltam a tomá-la, torna-se inspetor da Educação Popular, organiza encontros de *agit-prop* nas aldeias, ostenta uma fina barbicha à Lenine, usa botas, um jaquetão escuro e um boné, é o agrónomo-chefe do *oblast*, instala aqui e ali pequenas estações meteorológicas cujos dados servirão para melhorar as colheitas, mas tem muitas vezes dificuldade em convencer os mujiques de que cata-ventos, anemómetros e outros torniquetes e conchas não são diabruras responsáveis pelas secas.